

JOSÉ MARTÍ

NOSSA AMÉRICA

Antologia

Prof^o Júlio Pimentel

História da América Independente I

Texto 7 / 8 Cópias

EDITORA HUCITEC
ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ MARTÍ
São Paulo, 1983

VINDICAÇÃO DE CUBA

Traduzido da carta que publicou com este título The Evening Post, de Nova York, no dia 25 de março.

Senhor Diretor de *The Evening Post*,

Senhor:

Rogo-lhe que me permita referir-me em suas colunas à ofensiva crítica dos cubanos publicada em *The Manufacturer*, de Filadélfia, e reproduzida em seu número de ontem.

Não é este o momento de discutir o assunto da anexação de Cuba. É provável que nenhum cubano que tenha algo de decoro deseje ver seu país unido a outro onde os que guiam a opinião pública compartilham, em relação a ele, preocupações só justificáveis numa política fanfarrona ou numa desordenada ignorância. Nenhum cubano honrado se humilhará para ser recebido como um empestado moral, pelo mero valor de sua terra, por um povo que nega sua capacidade, insulta sua virtude e despreza seu caráter. Existem cubanos que, por motivos respeitáveis, por uma admiração ardente pelo progresso e pela liberdade, pelo pressentimento de suas próprias forças em melhores condições políticas, pelo infeliz desconhecimento da história e das tendências da anexação, desejariam ver a Ilha ligada aos Estados Unidos. Mas aqueles que lutaram na guerra e aprenderam no desterro; aqueles que ergueram, com o trabalho das mãos e das mentes um lar virtuoso no coração de um povo hostil; aqueles que por seu mérito reconhecido como cientistas e comerciantes, como empresários e engenheiros, como professores, advogados, artistas, jornalistas, oradores e poetas, como homens de inteligência viva e de atividade pouco comum, vêm-se honrados onde quer que tenha havido ocasião de demonstrar suas qualidades, e justiça para entendê-los; aqueles que, com seus elementos menos preparados, fundaram uma cidade de trabalhadores onde os Estados Unidos tinham antes apenas alguns casebres numa ilha deserta; esses, mais numerosos que os outros,

desejo de anexação

não desejam a anexação de Cuba aos Estados Unidos. Não a necessitam. Admiram esta nação, a maior de quantas erigiu jamais a liberdade; mas desconfiam dos elementos funestos que, como vermes no sangue, começaram nesta República portentosa sua obra de destruição. Fizeram dos heróis deste país seus próprios heróis, e anseiam o êxito definitivo da União Norte-Americana, como a glória maior da humanidade; mas não podem acreditar honestamente que o individualismo excessivo, a adoração da riqueza, e o júbilo prolongado de uma vitória terrível, estejam preparando os Estados Unidos para ser a nação típica da liberdade, onde não haverá opinião fundada no apetite imoderado de poder, nem aquisição ou triunfo contrários à bondade e à justiça. Amamos a pátria de Lincoln, tanto como temos a pátria de Cutting.

Os cubanos não somos esse povo de vagabundos miseráveis ou pigmeus imorais que The Manufacturer se compraz em descrever; nem o país de inúteis verbosos, incapazes de ação, inimigos do trabalho duro que, juntamente com os demais povos da América espanhola, costumam pintar os viajantes soberbos e os escritores. Sofremos impacientes sob a tirania; lutamos como homens, e algumas vezes como gigantes, para ser livres; estamos atravessando aquele período de repouso turbulento, cheio de germes de revolta, que sucede naturalmente a um período de ação excessiva e desgraçada; temos que batalhar como vencidos contra um opressor que nos priva dos meios de viver, e favorece, na bela capital que o estrangeiro visita, no interior do país, onde a presa escapa de sua garra, o império de uma corrupção tal que chegue a envenenar-nos no sangue as forças necessárias para conquistar a liberdade. Merecemos, na hora do nosso infortúnio, o respeito daqueles que nos ajudaram quando quisemos ver-nos livres dele. Mas, dado que nosso governo permitiu sistematicamente depois da guerra o triunfo dos criminosos, a ocupação da cidade pela escória do povo, a ostentação de riquezas abocanhadas por uma miríade de funcionários espanhóis e seus cúmplices cubanos, a conversão da capital numa casa de tolerância, onde o filósofo e o herói vive sem pão junto ao magnífico ladrão da metrópole; dado que o honrado camponês, arruinado por uma guerra aparentemente inútil, retorna em silêncio ao arado que soube trocar pelo facão na hora devida; dado que milhares de desterrados, aproveitando uma época de calma que nenhum poder humano pode precipitar enquanto não se extinga por si mesma, praticam, na batalha da vida nos povos livres, a arte de governar a si mesmos e de edificar uma nação; dado que nossos mestiços e nossos jovens da cidade são geralmente de corpo delicado, loquazes e corteses, ocultando sob a luva que aprimora o verso, a mão que derruba o inimigo — hão de nos chamar, como The Manufacturer nos chama, de povo “efeminado”? Esses jovens da cidade e esses mestiços pouco encorpados souberam levantar-se um dia con-

tra um governo cruel, pagar sua passagem ao local da guerra com o produto da venda de seu relógio e de suas jóias, viver de seu trabalho enquanto seus barcos eram retidos pelo país dos livres no interesse dos inimigos da liberdade, obedecer como soldados, dormir na lama, comer raízes, lutar dez anos sem pagamento, vencer o inimigo com um galho de árvore, morrer — estes homens de dezoito anos, estes herdeiros de casas poderosas, estes juvenzinhos cor de azeitona — de uma morte da qual ninguém deve falar com a cabeça descoberta; morreram como esses outros homens nossos que sabem, com um golpe de facão, fazer voar uma cabeça, ou com um golpe de braço, fazer ajoelhar um touro. Estes cubanos “efeminados” já tiveram uma vez a coragem suficiente para carregar no braço por uma semana, cara a cara com um governo despótico, o luto por Lincoln.

Os cubanos, diz The Manufacturer, têm “aversão a todo esforço”, “não têm iniciativa”, “são preguiçosos”. Estes “preguiçosos” que “não têm iniciativa”, chegaram aqui há vinte anos com as mãos vazias, salvo poucas exceções; lutaram contra o clima; dominaram a língua estrangeira; viveram de seu trabalho honrado, alguns folgadamente, outros ricos, raramente na miséria: gostavam do luxo e trabalhavam para ele; não eram vistos com freqüência nos caminhos escuros da vida: independentes e bastando-se a si mesmos, não temiam a concorrência nas aptidões e nem na atividade; milhares regressaram, para morrer em seus lares; milhares permanecem onde as durezas da vida terminaram triunfando, sem a ajuda do idioma amigo, da comunidade religiosa nem da simpatia de raça. Um punhado de trabalhadores cubanos ergueu Cayo Hueso. Os cubanos se destacaram no Panamá pelo seu mérito como artesãos nos ofícios mais nobres, como funcionários, como médicos e como empreiteiros. Um cubano, Cisneros, contribuiu poderosamente para o progresso das estradas de ferro e para a navegação fluvial na Colômbia. Márquez, outro cubano, obteve, como muitos de seus compatriotas, o respeito do Peru como comerciante eminente. Por toda a parte vivem os cubanos, trabalhando como camponeses, como engenheiros, como agrimensores, como artesãos, como professores, como jornalistas. Na Filadélfia, The Manufacturer tem diariamente a oportunidade de ver cem cubanos, alguns deles de história heróica e corpo vigoroso, que vivem de seu trabalho em cômoda abundância. Em Nova York, os cubanos são diretores em bancos proeminentes, comerciantes prósperos, corretores conhecidos, funcionários de notórios talentos, médicos com clientela do país, engenheiros de reputação universal, eletricitistas, jornalistas, donos de estabelecimentos, artesãos. O poeta do Niágara é um cubano, nosso Heredia. Um cubano, Menocal, é o chefe dos engenheiros do canal da Nicarágua. Em Filadélfia mesma, como em Nova York, o primeiro prêmio das universidades tem sido mais de uma vez dos cubanos. E as mulheres desses “preguiçosos”, “que não

têm iniciativa”, desses inimigos de “todo esforço”, chegaram aqui recém-saídas de uma existência suntuosa, em pleno rigor do inverno; seus maridos estavam na guerra, arruinados, presos, mortos: a “se-
nhora” pôs-se a trabalhar, a dona de escravos converteu-se em escrava; sentou-se atrás de um balcão; cantou nas igrejas; fez centenas de caseados; costurou por dia; encrespou plumas de chapelaria; deu seu coração ao dever: seu corpo murchou no trabalho: esse é o povo “de moral deficiente”!

*certo
a história
a ca*
Estamos “incapacitados pela natureza e pela experiência para cumprir com as obrigações de cidadania de um país grande e livre”. Isto não pode ser dito com justiça de um povo que possui — juntamente com a energia que construiu a primeira estrada de ferro nos domínios espanhóis, e estabeleceu contra um governo tirânico todos os recursos da civilização — um conhecimento realmente notável do corpo político, uma aptidão demonstrada para adaptar-se a suas formas superiores, e o poder, raro nas terras do trópico, de enriquecer seu pensamento e polir sua linguagem. A paixão pela liberdade, o estudo sério de seus melhores ensinamentos; o desenvolvimento do caráter individual no desterro e em seu próprio país, as lições de dez anos de guerra e de suas múltiplas conseqüências, e o exercício prático dos deveres de cidadania nos povos livres do mundo, contribuíram, apesar de todos os antecedentes hostis, para desenvolver no cubano uma aptidão para o governo livre, tão natural nele, que o estabeleceu, ainda que com excesso de práticas, no meio da guerra, lutou com seus mais velhos no afã de ver respeitadas as leis da liberdade e arreatou o sabre, sem consideração nem medo, das mãos de todos os pretendentes militares, por gloriosos que fossem. Parece que existe na mente cubana uma feliz capacidade de unir o sentido à paixão, e a moderação à exuberância. Desde o começo do século têm-se consagrado nobres mestres que explicam com sua palavra, e praticam em sua vida, a abnegação e a tolerância inseparáveis da liberdade. Aqueles que há dez anos ganhavam por mérito singular os primeiros lugares nas universidades européias, foram saudados, ao aparecer no Parlamento espanhol, como homens de sóbrio pensamento e de oratória poderosa. Os conhecimentos políticos do cubano comum se compararam, sem desvantagem, com os do cidadão comum dos Estados Unidos. A ausência absoluta de intolerância religiosa, o amor do homem pela propriedade adquirida com o trabalho de suas mãos, e a familiaridade, na prática e na teoria, com as leis e com os procedimentos da liberdade prepararão o cubano para reedificar sua pátria sobre as ruínas que receberá de seus opressores. Não é de se esperar, para honra da espécie humana, que a nação que teve a liberdade por berço, e recebeu durante três séculos o melhor sangue de homens livres, empregue o poder amal-

gamado deste modo, para privar de sua liberdade um vizinho menos afortunado.

*di. p. 117 no
anexionista*
The Manufacturer termina dizendo “que nossa falta de força varonil e de respeito próprio está demonstrada pela apatia com que nos submetemos durante tanto tempo à opressão espanhola” e que “nossas próprias tentativas de rebelião foram tão infelizmente ineficazes, que possuem pouco mais que a dignidade de uma farsa”. Nunca se demonstrou maior ignorância sobre a história e sobre o caráter do que nessa levianíssima asseveração. É preciso lembrar, para não responder com amargura, que mais de um americano derramou seu sangue ao nosso lado em uma guerra que outro americano haveria de chamar “uma farsa”. Uma farsa, a guerra que foi comparada pelos observadores estrangeiros a uma epopéia, o levantamento de todo um povo, o abandono voluntário da riqueza, a abolição da escravatura em nosso primeiro momento da liberdade, o incêndio de nossas cidades com nossas próprias mãos, a criação de povoados e fábricas nos bosques virgens, o vestir nossas mulheres com tecidos das árvores, o manter à distância, em dez anos dessa vida, um adversário poderoso que perdeu duzentos mil homens em mãos de um pequeno exército de patriotas, sem outra ajuda que a da natureza! Nós não tínhamos germanos nem franceses, nem Lafayette ou Steuben, nem rivalidades de reis que nos ajudassem: nós não tínhamos nada mais do que um vizinho que “estendeu os limites de seu poder e agiu contra a vontade do povo” para favorecer os inimigos daqueles que lutavam pela mesma carta de liberdade em que ele fundamentou sua independência: nós caímos vítimas das mesmas paixões que teriam causado a queda dos Treze Estados, se não tivessem se unido pelo êxito, enquanto que nós fomos enfraquecidos pela demora, não a demora causada pela covardia, e sim por nosso horror ao sangue, que nos primeiros meses da luta permitiu que o inimigo tivesse uma vantagem irreparável, e por uma confiança infantil na ajuda certa dos Estados Unidos: “não hão de ver-nos morrer pela liberdade em suas próprias portas sem levantar uma mão ou dizer uma palavra para dar um novo povo livre ao mundo!” Estenderam “os limites de seu poder em deferência à Espanha”. Não levantaram a mão. Não disseram uma palavra.

*certa
as
anexionista*
A luta não terminou. Os desterrados não querem voltar. A nova geração é digna de seus pais. Centenas de homens morreram depois da guerra no mistério das prisões. Só com a vida cessará entre nós a batalha pela liberdade. E é a verdade triste que nossos esforços ter-se-iam renovado com êxito, com toda probabilidade, se não fosse, em alguns de nós, pela esperança pouco viril dos anexionistas, de obter liberdade sem por ela pagar seu preço, e pelo temor justo de outros, de que nossos mortos, nossas memórias sagradas, nossas ruínas encharcadas de sangue che-

gassem a ser apenas o adubo do solo para o crescimento de uma planta estrangeira, ou o motivo de uma piada para *The Manufacturer* da Filadélfia.

Seu servidor atento,

José Martí

Nova York, 21 de março de 1889.

Obras Completas, t. I, pp. 236-241.

NOSSA AMÉRICA

O aldeão vaidoso acha que o mundo inteiro é sua aldeia e desde que seja ele o prefeito, ou podendo se vingar do rival que lhe tirou a noiva, ou desde que mantenha os cofres cheios, acredita que é certa a ordem universal, ignorando os gigantes que possuem botas de sete léguas e que podem lhe pôr a bota em cima, bem como a luta dos cometas lá no Céu, que voam pelo ar, adormecidos, engolindo mundos. O que restar de aldeia na América deverá acordar. Estes não são tempos para deitar de touca na cabeça, e sim com armas como travesseiro, como os varões de Juan de Castellanos: as armas do discernimento, que vencem as outras. Trincheiras de idéias valem mais do que trincheiras de pedra.

Não há proa que possa cortar uma nuvem de idéias. Uma idéia enérgica, acesa na hora certa neste mundo, detém, como a bandeira mística do juízo final, um esquadrão de couraçados. Os povos que não se conhecem devem ter pressa em se conhecer, como aqueles que vão lutar juntos. Os que se enfrentam como irmãos ciumentos, que querem os dois a mesma terra, ou o da casa menor que tem inveja do da casa melhor, devem se dar as mãos para que sejam um só. Os que, ao amparo de uma tradição criminosa, cercearam, com o sabre banhado no sangue de suas próprias veias, a terra do irmão vencido, do irmão castigado além de suas culpas, se não querem ser chamados de ladrões pelo povo, que devolvam suas terras ao irmão. As dívidas de honra o honrado não cobra em dinheiro, mas pela bofetada. Já não podemos ser o povo de folhas, que vive no ar, carregado de flores, estalando ou zumbindo, conforme a acaricia o capricho da luz, ou seja, açoitado ou podado pelas tempestades; as árvores devem formar fileiras, para que não passe o gigante das sete léguas! É a hora da avaliação e da marcha unida, e deveremos marchar bem unidos, como a prata nas raízes dos Andes.

Só aos deficientes faltará a coragem. Os que não acreditam em sua terra são homens deficientes. Por lhes faltar a coragem, negam-na aos outros. Seu braço fraco, braço de unhas pintadas e pulseira, o

braço de Madri ou de Paris, não atinge a árvore difícil; e dizem que não é possível atingir a árvore. É preciso acabar com esses insetos daninhos, que roem o osso da pátria que os nutre. Se são parisienses ou madrilenhos, que vão para o Prado, com seus lampiões, ou a Tortoni, com seus sorvetes. Estes filhos de marceneiro, que se envergonham que seu pai seja marceneiro! Estes nascidos na América que se envergonham de levar indumentária indígena, da mãe que os criou, e que renegam — velhaços! — a mãe doente e a deixam sozinha no leito da doença! Pois, quem é o homem? o que fica com a mãe, para curar-lhe a doença, ou aquele que a faz trabalhar onde não a vejam, e vive de seu sustento nas terras apodrecidas, rodeado pelos vermes, maldizendo o seio que o embalou e levando a pecha de traidor nas costas da casaca improvisada? Estes filhos de nossa América, que deve se salvar com seus índios e que vai de menos para mais; estes desertores que pedem fuzil aos exércitos da América do Norte, que afoga em sangue seus índios e que vai de mal a pior! Estes delicados, homens que não querem fazer o trabalho de homens! Por acaso o Washington que lhes deu esta terra foi viver com os ingleses, viver com os ingleses nos anos em que os via marchar contra sua própria terra? Estes "incríveis" da honra, que a arrastam pelo chão estrangeiro, como os incríveis da Revolução Francesa, dançando e regozijando-se, arrastando os erres!

E em que pátria pode o homem ter mais orgulho do que em nossas repúblicas dolorosas da América, levantadas entre as massas mudas de índios, ao rumor da luta do livro contra o círio, sobre os braços ensanguentados de uma centena de apóstolos? De fatores tão desordenados, jamais, em menos tempo histórico, criaram-se nações tão adiantadas e compactas. Os orgulhosos pensam que a terra foi feita para servir-lhes de pedestal, por terem a pena fácil e a palavra colorida, e acusam de incapaz e irremediável sua república nativa, pois não lhes dão suas selvas novas, uma maneira contínua de marchar pelo mundo como cacique famoso, guiando cavalos persas e derramando champanhe. A incapacidade não está no país nascente, que pede formas adequadas e grandeza útil, e sim naqueles que querem reger povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de prática livre nos Estados Unidos e de dezenove séculos de monarquia na França. Com um decreto de Hamilton não se detém a marcha do potro do boiadeiro. Com uma frase de Sieyès não se faz novamente fluir o sangue estancado da raça indígena. Para tudo isso, onde quer que se governe, é preciso prestar atenção para governar bem; e o bom governante na América não é o que sabe como se governam o alemão e o francês, mas sim aquele que sabe de quais elementos está constituído seu país, e como pode

guiá-los conjuntamente para chegar, por métodos e instituições, nascidas do próprio país, àquele estado desejado, onde cada homem se conhece e cumpre sua função, e todos desfrutam da abundância que a Natureza colocou para todos no povo que fecundam com seu trabalho e defendem com suas vidas. O governo deve nascer do país. O espírito do governo deve ser o do país. A forma de governo deverá concordar com a constituição própria do país. O governo não é mais que o equilíbrio dos elementos naturais do país.

É por isso que o livro importado foi vencido, na América, pelo homem natural. Os homens naturais venceram os letrados artificiais. O mestiço autóctone venceu o crioulo exótico. Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza. O homem natural é bom, e acata, e premia a inteligência superior, enquanto esta não se vale de sua submissão para prejudicá-lo, ou não o ofende prescindindo dele, coisa que o homem natural não perdoa, disposto a recuperar pela força o respeito do que lhe fere a suscetibilidade ou lhe prejudica os interesses. Por esta concordância com os elementos naturais desdenhados, subiram ao poder os tiranos da América; e caíram logo após tê-los traído. As repúblicas purgaram, nas tiranias, sua incapacidade de conhecer os elementos verdadeiros do país, de derivar deles a forma de governo, e de governar com eles. Governante, num povo novo, quer dizer criador.

Em povos instituídos por elementos cultos e incultos, os incultos governarão, graças a seu hábito de agredir e de resolver dúvidas com a própria mão, enquanto os cultos não aprenderem a arte de governar. A massa inculta é preguiçosa e tímida nas coisas da inteligência, e quer ser bem governada; mas se o governo a fere, sacode-o e então governa. Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo, que não é mais do que a análise dos elementos peculiares dos povos da América? Os jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com óculos ianques ou franceses, e pretendem dirigir um povo que não conhecem. Na carreira política dever-se-ia negar entrada aos que desconhecem os rudimentos da política. O prêmio dos concursos não deverá ser para a melhor odé, mas para o melhor estudo dos fatores do país em que se vive. No jornal, na cátedra, na academia, deve-se levar adiante o estudo dos fatores reais do país. Basta conhecê-los, sem vendas nem disfarces; pois aquele que, por vontade ou esquecimento, deixa de lado uma parte da verdade, tomba, afinal, vítima da verdade que lhe faltou, e cresce na negligência e derruba aquele que se levanta sem ela. Resolver o problema depois de conhecer seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem conhecê-los. Vem o homem natural, indignado e forte e derruba a justiça acumulada nos livros, porque não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é

resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade européia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas.

Apoiados no rosário, a cabeça branca, corpo mestiço de índio e de crioulo, chegamos, denodados, ao mundo das nações. Com o estandarte da Virgem saímos à conquista da liberdade. Um padre, alguns tenentes e uma mulher levantam no México a república sobre os ombros dos índios. Um cônego espanhol, à sombra de sua capa, ensina a liberdade francesa a alguns bacharéis magníficos, que colocam como chefe da América Central, contra a Espanha, o general da Espanha. Com roupagens monárquicas, e o Sol no peito, a levantar povos se lançaram os venezuelanos pelo Norte e os argentinos pelo Sul. Quando os dois heróis se chocaram, e o continente ia tremer, um deles, que não foi o menor, desviou as rédeas. E como o heroísmo é mais raro na paz, por ser menos glorioso que o da guerra; por ser para o homem é mais fácil morrer com honra que pensar com ordem; bem como governar com os sentimentos exaltados e unânimes é mais fácil que controlar, depois da batalha, os pensamentos de todo tipo: arrogantes, exóticos ou ambiciosos; dado que os poderes conquistados na arremetida épica solapavam, com a cautela felina da espécie e com o peso do real, o edifício que levantara nas regiões rudes e singulares de nossa América mestiça, nos povoados de calças curtas e casaco de Paris, a bandeira dos povos nutridos pela seiva governante na prática contínua da razão e da liberdade, dado que a constituição hierárquica das colônias resistia à organização democrática da República, ou as capitais engravatadas deixavam na soleira da porta o campo de botas de montaria, ou os redentores bíblicos não entenderam que a revolução triunfante com a alma da terra, desatada da voz do salvador, com a alma da terra tinha que governar, e não contra ela nem sem ela, a América começou a padecer, e padece, pelo cansaço da acomodação entre os elementos discordantes e hostis, herdados de um colonizador despótico e avesso, e as idéias e formas importadas que vieram retardando, por sua falta de realismo local, o governo lógico. O continente, desarticulado durante três séculos por uma ordem que negava o direito do homem ao exercício de sua razão, entrou, não atendendo ou não escutando os ignorantes que o

apodrece o homem leviano e abre a porta ao estrangeiro. Outras apuram, com o espírito épico da independência ameaçada, o caráter viril. Outras, na guerra rapace contra o vizinho, criam a soldadesca que poderá devorá-las. Mas talvez corra outro perigo a nossa América, que não lhe vem de si mesma, e sim da diferença de origens, métodos e interesses entre os dois fatores continentais e está chegando a hora em que dela se aproxima, demandando relações íntimas, um povo empreendedor e pujante que a desconhece e desdenha. E como os povos viris, que se formaram por si mesmos, com a escopeta e com a lei, amam, e só amam, aos povos viris, como a hora do desenfreado e da ambição, de que talvez se livre, pelo predomínio da pureza de seu sangue, a América do Norte, ou na qual poderia ser lançada por suas massas vingativas e sórdidas, pela tradição de conquista e pelos interesses de um caudilho hábil, não está ainda tão próxima aos olhos dos mais afoitos, de modo a não dar tempo para a prova de altivez, contínua e discreta, com a qual seria possível encará-la e desviá-la; já que o seu decoro de república impõe à América do Norte, perante os povos atentos do Universo, um freio que não pode tirar a provocação pueril ou a arrogância ostensiva, ou a discórdia parricida de nossa América, — o dever urgente de nossa América é mostrar-se como é, unida em alma e intenção, vencedora veloz de um passado sufocante, manchada apenas com o sangue do adubo, arrancado das mãos, na luta com as ruínas, e o das veias que nossos donos furaram. O desprezo do formidável vizinho, que nos desconhece, é o maior perigo de nossa América; e é urgente, já que o dia da visita está próximo, que o vizinho a conheça, que a conheça logo, para que não a despreze. Talvez por ignorância chegasse a cobiçá-la. Por respeito, tão logo a conhecesse, tiraria as mãos dela. É preciso ter fé no melhor do homem e desconfiar do pior dele. É preciso dar oportunidade ao melhor para que se revele e prevaleça sobre o pior. Senão, o pior prevalece. Os povos devem ter um pelourinho para aqueles que o incitam a ódios inúteis; e outro para aqueles que não lhes dizem a verdade a tempo.

Não existe ódio de raças, porque não existem raças. Os pensadores raquíticos, os pensadores de lampiões, tecem e requeentam as raças de livraria, que o viajante justo e o observador cordial procuram em vão na justiça da Natureza, onde se destaca no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem. A alma emana, igual e eterna, de corpos diversos em forma e em cor. Peca contra a Humanidade quem fomenta e propaga a oposição e o ódio das raças. Mas na mistura dos povos, na aproximação com outros povos diversos, se condensam características peculiares e ativas de idéias e de hábitos, de abertura e de aquisição, de vaidade e de avareza, que um estado latente de preocupações nacionais poderia, num período de desordem interna ou de precipitação do caráter acumulado do país,

transformar-se numa grave ameaça para as terras vizinhas, isoladas e fracas, que o país forte declara destrutíveis e inferiores. Pensar é servir. Não devemos supor, por antipatia provinciana, uma maldade congênita e fatal no povo loiro do continente, só por não falar nosso idioma, nem ver as coisas como nós as vemos, nem se parecer a nós em seus defeitos políticos, que são diferentes dos nossos; nem porque despreze os homens biliosos e morenos, e olhe indulgentemente, de sua eminência ainda insegura, aqueles que, menos favorecidos pela História, sobem em lances heróicos pelos caminhos das repúblicas; — nem serão escondidos os dados patentes do problema que pode ser resolvido, para a paz dos séculos, com o estudo oportuno e a união tácita e urgente da alma continental. Porque já ressoa o hino unânime, a atual geração leva às costas, pelo caminho adubado por seus pais sublimes, a América trabalhadora; do rio Bravo ao estreito de Magalhães, sentado no dorso do condor, espalhou o Grande Semi; nas nações românticas do continente e nas ilhas doloridas do mar, a semente da América nova!

El Partido Liberal, 30 de janeiro de 1891.

Obras Completas, t. VI, pp. 15-23.

W. M.
América

UMA:
perigo

M.
Fre

na
das
suas
câmbios,
las
são
el
pe
na